

Breve introdução às contribuições de Platão para a teoria linguístico-retórica de Rousseau

Plato's contribution to Rousseau's linguistic-rhetorical theory

Sérgio Bernardo de Almeida

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

bernardofm@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5464929424686722>

Resumo

O objetivo deste artigo será analisar a influência de Platão para o pensamento “linguístico” de Rousseau, em especial, procurar-se-á entender a contribuição desse pensador na questão da concepção da linguagem e da teoria retórica do genebrino. Rousseau volta-se à filosofia antiga com o intuito de entender o presente e de poder oferecer soluções para os problemas nos quais está inserido. As diferenças entre Rousseau e Platão são bem perceptíveis, como por exemplo, o discurso de Rousseau contra a desigualdade social e política e a luta de Platão contra a democracia igualitária que põe na mão do povo o seu destino. Mas não nos deteremos nas questões de contrapontos entre os dois, focaremos nossa análise no ponto que os une, na questão político-retórica. Platão e Rousseau fazem uma crítica ao mau uso da retórica, para eles, a retórica deve estar embasada na verdade. Para Platão o discurso não pode ser bajulador, deve ser pronunciado a tornar o homem melhor e mais virtuoso. Em Rousseau o discurso não deve ter apenas uma coerência lógica, mas deve ser movido por um sentimento verdadeiro, neste sentido, a linguagem precisa afetar a alma, deve ser de coração para coração.

Palavras-chave: Linguagem. Retórica. Discurso. Verdade. Política.

Abstract

Our objective will be to analyze Plato's influence on Rousseau's “linguistic” thought, in particular, we will try to understand the contribution of this thinker in the question of the conception of language and the rhetorical theory of Geneva. Rousseau turns to ancient philosophy in order to understand the present and to be able to offer solutions to the problems in which he is inserted. The differences between Rousseau and



Plato are quite noticeable, such as, for example, Rousseau's speech against social and political inequality and Plato's struggle against egalitarian democracy that puts its destiny in the hands of the people. But we will not dwell on the issues of counterpoints between the two, we will focus our analysis on the point that unites them, on the political-rhetorical issue. Both Plato and Rousseau criticize the misuse of rhetoric, for them rhetoric must be grounded in truth. For Plato, speech cannot be flattering, it must be pronounced to make man better and more virtuous. In Rousseau, the speech must not only have a logical coherence, but must be moved by a true feeling, in this sense, the language must affect the soul, it must be from heart to heart.

Keywords: Language. Rhetoric. Speech. Truth. Politics.

1. Rousseau e os pensadores clássicos

Quanto à influência dos pensadores antigos, Rousseau leu seriamente os escritos de Platão, Plutarco, Sêneca, entre outros e “que seus princípios [...] foram antecipados, quase em sua totalidade, no mundo antigo” (ESPÍNDOLA, 2005, P.71), principalmente no *Discurso sobre as ciências e as artes*. As concepções de Rousseau referentes à linguagem, ao discurso e à política encontram na antiguidade sua fonte de inspiração. Fonte esta que vai auxiliá-lo na condução das batalhas teórico – políticas empreendidas por ele no século XVIII francês.

De Homero a Platão, de Catão a Cícero, além de Tácito, Tito – Lívio, Tucídides, Salústio, Sêneca etc. Sem esquecer Plutarco por quem sua admiração é inegável, a obra rousseuniana conta certamente com uma ampla gama de referências aos autores da Antiguidade. (BECKER, 2008, p.14)

É grande a lista de pensadores antigos que Rousseau faz referência, Arlei Spíndola (2005) cita um pequeno número daqueles que trataram da retórica em especial. Mas a atração por pensadores da antiguidade não é exclusiva de Rousseau, foi um fenômeno que povoou tanto os contemporâneos do genebrino, como os que vieram antes dele. Rousseau busca na antiguidade exemplos para formar o seu pensamento, é o caso de sua admiração pelas cidades de Roma e Esparta citadas diversas vezes em seus escritos. No *Discurso sobre as ciências e as artes*, Rousseau faz uma releitura da história mostrando o quanto as artes e as ciências corromperam a virtude. As figuras de Sócrates e Catão são usadas por Rousseau para advertir sobre o uso desprovido desses recursos.

Sócrates começou em Atenas, o velho Catão continuou em Roma a debater contra esses gregos artificiosos e sutis que seduziram a virtude e afrouxaram a coragem de seus concidadãos [...] Roma encheu-se de Filósofos e de oradores, descuidou-se da disciplina militar, desprezou-se a agricultura, adotaram certas seitas e esqueceu-se a pátria (ROUSSEAU, 1999, p. 19)



Rousseau se interessa tanto pelo pensamento antigo a ponto de traduzir obras de alguns autores antigos como Tácito e Sêneca, que tinham como objetivo melhorar seu estilo e de auxiliá-lo na busca de argumentos que pudessem ajudá-lo na tarefa de escritor político (BECKER, 2008, p.15). Espíndola (2005, p.30) ao fazer uma releitura de Rousseau e Sêneca, assegura que existe uma “evolução semelhante” entre essas duas filosofias. Espíndola acredita que depois de Plutarco, Sêneca foi o filósofo que despertou uma atenção maior em Rousseau. O estudo do texto de Rousseau mostra que mesmo havendo lido Sêneca em traduções, ele se constitui uma fonte literária significativa para a formação de seu pensamento (ESPÍNDOLA, 2005, p. 71). Aliás, o *Primeiro Discurso* apresenta ideias muito parecidas com as do escritor Romano e de outros pensadores antigos, com isso, “pelo menos no plano conceitual”, torna-se difícil considerar Rousseau “um filósofo verdadeiramente inovador neste início de trabalho mais arrojado de reflexão” (ESPÍNDOLA, 2005, p.38).

Rousseau busca no passado uma forma de criticar a situação presente na qual está vivendo. É esta inquietação que o faz buscar argumentos no passado para se armar e estabelecer modelos de contraposição ao cenário político do seu século no intuito de revertê-los. Por outro lado, “retornar à cultura grego – romana significa uma alternativa para neutralizar-se a cosmovisão medieval” (ESPÍNDOLA, 2005, p.17).

Rousseau busca inspiração no passado, nega e critica a situação presente, no intuito de que, no futuro, a noção de homem e de suas potencialidades sejam menos limitadas do que aquela de seus contemporâneos. Rousseau já na introdução do *Discurso sobre a desigualdade*, de antemão, adverte qual o seu objetivo,

Interessando meu assunto ao homem em geral, esforçar-me-ei por empregar uma linguagem que convenha a todas as nações, ou melhor, esquecendo os tempos e os lugares para só pensar nos homens a quem falo, supor-me-ei no Liceu de Atenas, repetindo as lições de meus mestres, tendo os Platões e os Xenócrates como juízes e o gênero humano como ouvinte. (ROUSSEAU, 1999, p.52)

Rousseau volta-se para a filosofia da antiguidade e estabelece com esta um grande vínculo, sobretudo com a especulação helenística e romana (ESPÍNDOLA, 2005, p.17). O que se percebe mais claramente é que seu interesse, longe de ser um exame de detalhes ou uma preocupação em estabelecer querelas eruditas, configura-se como uma tentativa de apropriação desta tradição de maneira a incorporá-la a seu agir de homem no século XVIII.

2. Rousseau e a concepção retórica de Platão



Muitos são os que contribuíram para o pensamento filosófico de Rousseau. Pensando nisso, em sua obra *Rousseau e a ciência política de seu tempo*, Robert Derathé (1948) faz um apanhado de todos os teóricos que contribuíram para o pensamento político de Rousseau. Derathé defende que a doutrina política de Rousseau provém de uma reflexão a respeito das teorias defendidas pelos pensadores vinculados à chamada *Escola do direito da natureza e dos povos* (DERATHÉ, 1948, p. 21). A teoria política de Rousseau, segundo Derathé, foi bastante influenciada por pensadores como Burlamaqui, Barbeyrac, Althusius, Hobbes, Locke, Jurieu, entre outros; por outro lado, Rousseau também foi inspirado, no campo retórico, por escritores tais como: Plutarco, Quintiliano, Aristóteles, Cícero, etc. Contudo, Platão torna-se um pensador determinante quando nos referimos a questões retóricas – políticas, presentes na obra de Rousseau. As citações a Platão são muito recorrentes na filosofia de Rousseau. Quanto a Aristóteles e Cícero, Evaldo Becker acredita que esses dois pensadores não influenciaram muito no pensamento retórico de Rousseau (BECKER, 2008, p. 13).

Evaldo Becker, em seu artigo *Similitudes entre as filosofias de Rousseau e Platão*, afirma que qualquer pessoa que tenha lido sumariamente algumas das grandes obras de Rousseau perceberá a presença de referências de ambos. Se a crítica aprecia diversamente a influência dos escritos platônicos na obra de Rousseau, ninguém questiona, ao menos seriamente, esta presença platônica em seus textos. (BECKER, 2011, p. 49). Nessa perspectiva, Becker (2011) corrobora com Derathé quanto à importância de Platão para o pensamento de Rousseau. Ainda que não seja fácil determinar quais foram as leituras políticas de Rousseau, pode-se admitir, que além de Platão, um de seus autores favoritos, ele leu os pensadores que tinham autoridade na época, tais como: Grotius, Pufendorf, Hobbes, Locke, entre outros (DERATHÉ, 2009).

Os pensamentos de Platão e Rousseau juntam-se e separam-se ao mesmo tempo. São em muitos aspectos idênticos e em outros totalmente contraditórios. Nesta perspectiva, Gilda Barros afirma que Rousseau move-se na história com um discurso ardoroso contra a desigualdade social e política, enquanto Platão luta com todas as suas forças contra a democracia igualitária que põe na mão do povo o seu destino (BARROS, 1996, p.137).

Cristiane Barbosa (2004) no seu artigo, *A desigualdade nos clássicos políticos de Platão a Rousseau*, apresenta outro elemento que diferencia Rousseau de Platão. Para ela, a desigualdade em Platão provém da natureza e estende-se à ordem social, o que, para ele, não influi negativamente, de maneira nenhuma, na harmonia de sua cidade ideal. Pois, sendo naturalista, Platão considera propriedade e desigualdade engenhos da natureza, “a qual designa sabiamente a função de cada um



e corrobora para a perfeição da *polis*” (2004, p.149). Ideia contrária à de Rousseau, que acredita quase não existir desigualdade no estado de natureza, a não ser aquela estabelecida pela natureza e que consiste “na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma” (ROUSSEAU, 1999, p.51). Contudo, a desigualdade moral ou política, a pior de todas, só surgirá com a formação da sociedade e conseqüentemente com a instauração da propriedade. Neste sentido, a desigualdade instaurou-se entre os homens em razão da propriedade privada, que dividiu a sociedade em ricos e pobres, fracos e fortes, senhores e escravos, “numa progressão que levou a uma negação da própria vida social organizada” (BARROS, 1996, p.140).

Salinas Fortes, em seu livro “*O bom selvagem*”, numa análise sobre a desigualdade em Rousseau, acredita que ela não é um fato natural, ou seja, não é “autorizada” pela lei natural. Considerado em sua condição natural, o homem não mantém relações de desigualdades com seus semelhantes. A desigualdade, afirma Fortes, “é socialmente produzida no decorrer da evolução histórica da humanidade” (FORTES, 1989, p.43). Becker (2008, p.23) citando Gouhier apresenta dois temas que mostram o antiplatonismo de Rousseau, como por exemplo, a negação das ideias inatas que é um tema importante para Platão, e a defesa apaixonada da democracia feita por Rousseau, a qual poderia ser contraposta por um certo elitismo intelectual de Platão. De fato, entre eles aparecem divergências inconciliáveis, que fazem de Platão “um lídimo representante de valores aristotélicos e de Rousseau o porta voz inflamado dos valores da democracia” (BARROS, 1996, p.137).

As similitudes entre os dois também são muitas, como por exemplo, a questão da educação. Gustavo Bezerra em seu artigo *Justiça em Rousseau e Platão: a lei gravada no coração dos cidadãos* aponta a educação como uma questão constante presente nos dois pensadores e enfatiza a importância desta para a formação do cidadão e da cidadania (BEZERRA, 2012, p.82). Platão e Rousseau confiam na lei interior, ou seja, na lei do coração. O ideal seria ter a lei moral dentro de si, ao invés de receber de outrem, no caso o estado. Mas, como a maioria das pessoas é incapaz de autonomia, “o estado garante a moralidade pelas leis” (BARROS, 1996, p.159).

Platão em muitos de seus textos dirige uma crítica às práticas discursivas de seu tempo. No *Fedro*, Platão defende a retórica de modo que não se deve usar o discurso com mentiras, mas com verdade. Para ele, os políticos são os que mais gostam de fazer discursos com o intuito de deixar para a posteridade. Nos púlpitos, elogiam os seus elogiadores e mencionam um a um no meio das assembleias (PLATÃO, 1996, p.160). No *Protágoras*, Platão questiona a premissa sofística de que o jovem que frequentasse as aulas de Protágoras a partir do primeiro dia já voltaria para casa como



um homem melhor. “*O mesmo acontecerá no dia seguinte. A cada dia te aprimorarás mais e mais*” (PLATÃO, 2014, p.262), evidenciando-se assim o seu progresso. Perguntado por Platão em quais assuntos o jovem se tornaria melhor, a personagem Protágoras responde que,

Se, entretanto, procurar a mim, aprenderá exata e exclusivamente aquilo que motivou sua vinda a mim. O que ensino é ter bom discernimento e bem deliberar seja nos assuntos privados, mostrando como administrar com excelência os negócios domésticos, seja nos assuntos do estado, mostrando como pode exercer máxima influência nos negócios públicos, tanto através do discurso quanto através da ação (PLATÃO, 2014, p. 263).

Para Platão, a retórica sofística ensina a persuadir e a enganar o interlocutor, o opositor, o público e o júri, de uma opinião particular do sofista ou do seu cliente (PLATÃO, 2014, p.18). Perguntado por Sócrates, no *Górgias*, sobre o que se referiam os discursos sofísticos, Górgias responde que individual é o governo sobre os demais na própria cidade”; consistiria ainda, pela palavra, “convencer os juízes no tribunal, os senadores no conselho, os eclesiastas na assembleia e em todo outro ajuntamento onde se congreguem cidadãos” (PLATÃO, 1970, p. 58). Ou seja, a retórica seria a “mestra da Persuasão” (BECKER, 2008, p.25).

Perguntado sobre qual tipo de persuasão a retórica se refere, se aquela que é fonte de *crença* ou sobre aquela que é a fonte de *conhecimento*, Górgias responde que “é aquela donde nasce a crença” (PLATÃO, 1970, p. 63). Com isso, Platão conclui nas palavras de Sócrates, que os sofistas não estão preocupados com o justo e o injusto. O orador, por conseguinte, “não ensina aos tribunais e demais ajustamentos o que é justo e o que é injusto; limita-se a persuadi-los” (PLATÃO, 1970, p.64).

A crítica de Platão se dá justamente quanto à eficácia da retórica, com vistas a uma melhoria das condições políticas. Por isso, Platão, pelas palavras de Sócrates, afirma que a retórica não é uma arte, mas sim uma “prática adquirida” (PLATÃO, 1970, p. 76), destinada a “produzir determinado agrado e prazer” (PLATÃO, 1970, p.77). A crítica de Platão se torna ainda mais contundente quando ele afirma que a retórica nada mais é que “um simulacro dum ramo da política” (PLATÃO, 1970, p.78), pois, trabalha baseada em crença e não em um conhecimento verdadeiro. Segundo Becker (2008, p.26), Platão não admite a retórica como arte porque ela só visa à aprovação e, nesse caso, caracteriza-se como bajulação e não uma busca pelo bem do povo.

Platão separa claramente a Dialética da Retórica. Zoralda Feitosa em seu artigo *Dialética e Retórica em Platão* apresenta essa diferença, para ela dialética e retórica não se confundem. A Dialética para Platão está em consonância estreita à ideia do bem, enquanto que a retórica, ao



contrário, não tem compromisso com a ideia de justiça, de bem ou de outros valores que são essenciais para a formação do bom cidadão (FEITOSA, 1997, p. 228).

Na introdução da obra *Protágoras*, Platão afirma que a única filosofia que realmente importa “é a veiculável e veiculada pela arte do bem falar, isto é, a oratória ou retórica” (PLATÃO, 1970, p. 12). Fica evidente que a crítica de Platão não se dirige à retórica em si. Mas ao mau uso da mesma. Segundo Becker (2008, p.27), o que Platão adverte é que a retórica está sendo usada equivocadamente esquecendo-se da “verdadeira retórica”.

Rousseau se aproxima muito de Platão nesse sentido. Rousseau não critica somente a submissão ao jugo da opinião, ele critica também a submissão ao jugo dos poderosos, que faziam com que muitos dos literatos se dobrassem aos seus interesses (BECKER, 2008, p.27). Esta postura de repúdio a este tipo de submissão evidenciada em Rousseau quando este recusa receber a pensão ofertada pelo rei por causa de sua ópera.

É verdade que eu perdia a pensão que de algum modo me haviam oferecido; mas também me isentava do jugo que ela me imporia. Adeus liberdade, verdade, coragem. Como ousar depois falar de independência e de desinteresse? (ROUSSEAU, 2008, L. VIII. p.347)

Talvez um ponto central de aproximação entre Rousseau e Platão, seja o caráter ético presente nos discursos e nas práticas oratórias (BECKER, 2008, p.28). A dialética para Platão é o método mais seguro para se atingir a verdade. Por isso, ele aproxima a retórica à filosofia. Neste sentido, a “verdadeira retórica” é a dialética. Feitosa (1997, p. 223) afirma que todo o processo dialético Platônico é necessariamente dialógico, ou seja, dá-se num diálogo entre o mesmo e o outro. A dialética não pode ser praticada sem esse quadro, é necessário uma inter – relação do sujeito ao seu objeto para que ambos, com suas *doxas*, possam intimamente e intuitivamente fazer um processo de rememoração de um conhecimento que já existe no próprio sujeito. A alma, afirma Feitosa, participa ativamente nesse percurso, ela faz a mediação entre o sensível e o mundo das ideias, é ela que percebe de forma direta e pela intuição o inteligível e propicia o movimento de ascensão e descensão do método dialético.

Tanto Rousseau, quanto Platão acreditam que o verdadeiro discurso deve se ater a fazer com que o povo se torne melhor, não se deve adular o povo, mas ajudá-lo a se tornar mais virtuoso. Apesar de no *Górgias*, ter um viés negativo sobre um determinado tipo de discurso, aquele com o intuito de convencer a todo custo. Encontramos também elementos que nos possibilitam acreditar em um discurso com objetivos totalmente contrários. Para Platão, o bom orador deve plantar nas



almas de seus concidadãos a justiça e delas extirpar a iniquidade, implantar a sabedoria e extirpar a licença, implantar a virtude em geral e eliminar o vício (PLATÃO, 1970, p. 154).

Mas, só alcançará a este fim se o orador conhecer a verdade do que se está falando. Caso contrário, não usará a retórica de modo correto. É o que adverte Platão no Fedro, “logo, meu caro amigo, quem não conhece a verdade, mas só alimenta opiniões, fará naturalmente da arte retórica uma coisa ridícula que não merece o nome de arte” (PLATÃO, 1996, p.166).

Para Platão, se um orador não conhece o assunto do qual fala, sua atitude não condiz com a verdadeira retórica, isso é o que acontece com os sofistas nos tribunais que não se preocupam com o conhecimento da verdade, mas, em adular e bajular.

Rousseau faz uma denúncia de que na modernidade o discurso e a persuasão já não são mais necessários, é o que podemos observar no capítulo XX do Ensaio sobre a origem das línguas, não se tem mais necessidade nem da arte nem da figura para dizer assim o quero, ele anuncia que a “força pública substituiu a persuasão” e que os discursos não são mais necessários, “que discursos restam a fazer, portanto, ao povo reunido? Sermões” (ROUSSEAU, 2008, p.175).

O tempo transcorrido desde a Grécia à modernidade é um longo período. Rousseau descreve uma sociedade totalmente mudada com uma formação muito diferente da grega. Becker (2008, p.32), corroborando com essa questão afirma que por mais que o povo fosse tratado como criança, na Grécia antiga, os oradores e políticos ainda precisavam de seu apoio. Coisa totalmente contrária à modernidade, onde a força tomou o lugar da persuasão.

Segundo Barros (1996, p.77), na Grécia antiga os sofistas ensinavam o futuro político a convencer os outros em qualquer circunstância, a vencer sempre, pela defesa da tese ou antítese. Mas não mandavam matar aqueles que não fossem convencidos ou persuadidos. Becker (2008, p.32) acredita que a crítica de Platão à retórica sofista deve ser entendida com uma crítica ao conservadorismo do modelo político vigente, no sentido de que os tratados de retórica em voga na época visavam apenas à obtenção do sucesso através da persuasão do povo, no sentido de manter o status quo, haja vista que o orador nunca deveria falar algo que desagradasse ao povo. Rousseau descreve uma sociedade na qual os discursos, diferentemente da sociedade grega, já não são mais dirigidos ao povo, este já não tem mais o poder de decisão. Neste sentido, Rousseau denuncia que a força tomou o lugar dos discursos e a retórica foi deixada de lado. Na modernidade, o convencimento se dá pela força e pelos soldados nas portas e não mais pela persuasão.

Conclusão



Por defender o seu pensamento, o genebrino se isola dos salões. Rousseau acredita que o escritor deve escrever e dizer a verdade. Tanto Rousseau quanto Platão escrevem com o intuito de um dever, negam que a realidade a qual estão submetidos esteja de acordo com o seu ideal ético-político. Defendem uma retórica que esteja embasada na verdade, não estão dispostos a levantar a bandeira da bajulação a favor dos poderosos, por isso, Rousseau recusa a pensão do rei. As posições dos dois se juntam justamente em relação ao caráter ético - discursivo. De maneira geral, Platão acredita que o discurso não deve ser baseado simplesmente na verossimilhança, bem como não pode ser um discurso bajulador, deve ser pronunciado com vistas a tornar os homens melhores e mais virtuosos. Em Rousseau, o discurso não deve ter apenas uma coerência lógica, mas deve ser movido por um sentimento verdadeiro. Para Rousseau, discurso e prática devem andar de mãos dadas, o maior objetivo do discurso está em comunicar os sentimentos, de pôr “a alma em movimento”. A linguagem deve afetar a alma, deve ser de coração para coração, não deve estar subordinada apenas à comunicação.

Referências

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. In: Coleção os pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

_____. *Discurso sobre as ciências e as artes*. In: Coleção os pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

_____. *Do contrato social*. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural 1987a.

_____. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

Obras de Platão

PLATÃO. *Crátilo*. USP. Trad. Luciano Ferreira de Souza. São Paulo, 2010.

_____. *Diálogos* (Teeteto; Sofista; Protágoras). Edipro. Trad. Edson Bini. São Paulo, 2014.

_____. *Diálogos* (Mênon; Banquete; Fedro). Trad. de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. *Górgias ou a Oratória*. Pequena Biblioteca Difel. Trad. Jaime Bruna. São Paulo, 1970.



Comentadores

ARCO JUNIOR, Mauro Dela Bandeira. *A palavra cantada ou a concepção de linguagem de Jean Jacques Rousseau*. Dissertação apresentada ao programa de pós – graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo: UNESP. 2012.

BARBOSA, Cristiane Aparecida. *A desigualdade nos clássicos políticos de Platão a Rousseau*. Revista Educação e Filosofia, vol. 18, n.35/36. 2011.

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Platão, Rousseau e o Estado total*. São Paulo: Editora T.A Queiroz, 1995.

BECKER, Evaldo. *Política e linguagem em Rousseau*. Tese de Doutorado em Filosofia. Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2008.

_____. *Similitudes entre as filosofias de Rousseau e Platão*. Princípios. Natal, v.18, n.29, 2011.

BEZERRA, Gustavo Cunha. *Justiça em Platão e Rousseau: a lei gravada no coração dos cidadãos*. Kinesis, vol. IV, n.07, 2012.

BUENO, Taynam Santos Luz. *Representação, linguagem e política em Rousseau*. Dissertação de Mestrado em Filosofia do Programa de Pós Graduação de Filosofia da Universidade de São Paulo: USP, 2009.

ESPÍNDOLA, Arlei de. *Rousseau leitor de Sêneca: entre os pressupostos e a originalidade de sua filosofia moral*. Tese de Doutorado de Filosofia da Universidade Estadual de São Paulo, Campinas 2005.

FEITOSA, Zoralda M. Lopes. *Dialética e Retórica em Platão*. Boletim do CPA, n. 4, Campinas, 1997.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Rousseau: O bom Selvagem*. São Paulo: FTD, 1989.

LORENZON, E.A; JORGE, L.G.A. *A ideia de educação integral em Platão e Rousseau*. Santa Catarina: Perspectiva, vol. 35, 2011.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem, de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MOREIRA, Julio Cesar. *Uma leitura de Rousseau a Platão em sua crítica à poesia*. São Paulo: Revela, 2012.

PINTO, Lucia Ricotta Vilela. *Retórica, a unidade “louca” de Rousseau?*. Revista Remate de Males: teoria literária hoje. Campinas, 2008.

PRADO JUNIOR, Bento. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. Trad. Cristina Prado. Cosac Naify. São Paulo, 2008.

ROMANO, Roberto. *O caldeirão de Medéia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001. SAES, SAES, Sílvia Faustino de Assis. *A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



SAES, Silvia Faustino de Assis. *Nilismo Linguístico*. A Palo Seco. Ano 2. Nº 2. Aracaju, 2010.

STAROBINSKI, Jean. *Jean Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 201

Recebido: 06-04-2023

Aceito: 31-07-2023